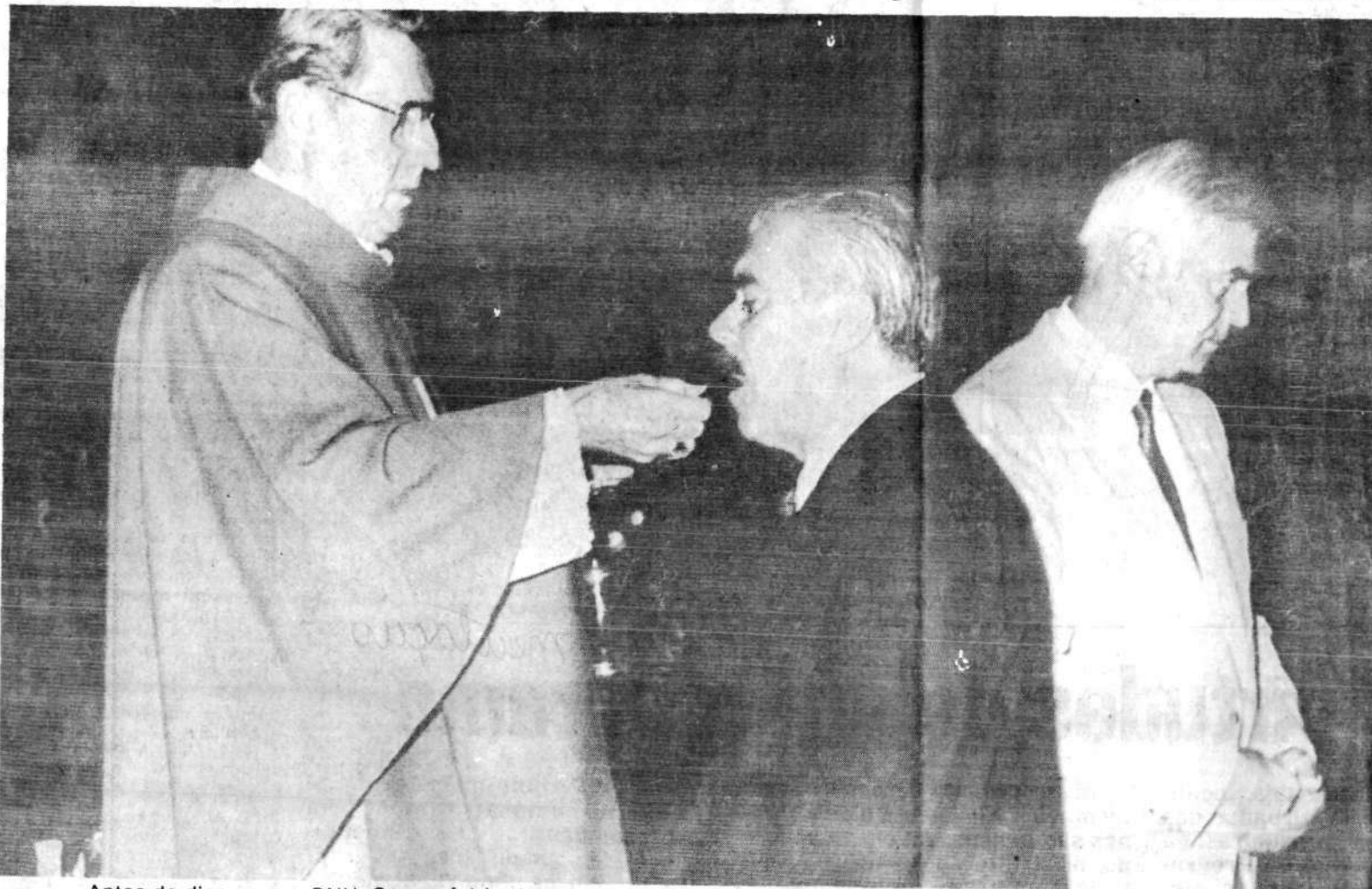


Sarney

Sarney exige tratamento político da dívida

Discurso de hoje na ONU reafirma que América Latina não aceita risco de desestabilização



Antes do discurso na ONU, Sarney foi à missa em Saint Patrick e recebeu comunhão dada pelo arcebispo John Knoll

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Nova Iorque — Em reunião realizada ontem no início da noite com os parlamentares que integram a comitiva presidencial, o presidente José Sarney adiantou sua intenção de dizer hoje, na abertura da Assembleia da Organização das Nações Unidas, que a América Latina não aceita o risco da desestabilização política por conta do pagamento da dívida externa, exigindo que o tema receba dos países ricos um tratamento político que respeite a necessidade da retomada do crescimento econômico.

A reunião, ocorreu no próprio Hotel Intercontinental, onde a comitiva está hospedada desde a madrugada de domingo, quando o Presidente chegou ao México. Durante o dia ele deu os últimos retoques no pronunciamento que abrirá a 40ª Assembleia Geral da ONU, assistindo a missa na Catedral de São Patrício e visitando o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, além de almoçar num restaurante com alguns auxiliares. Seu porta-voz, Fernando Mesquita, informou que a conversa com os parlamentares foi essencialmente política.

SOLIDARIEDADE

O assessor da Presidência para Assuntos Externos, Rubens Ricupero, relatou os encontros mantidos pelo presidente Sarney no sábado com os presidentes Jaime Lusinche, da Venezuela, e Miguel de La Madrid, do México, nas luas escalas técnicas feitas pelo Boeing 737. Além de expressar solidariedade ao povo mexicano neste momento de angústia da contagem dos mortos nos terremotos, Sarney aproveitou o encontro com de La Madrid para reafirmar a posição brasileira na questão da dívida externa, ouvindo palavras de concordância em tese com o tratamento político que o Brasil agora quer dar ao tema.

Uma das principais preocupações do discurso de Sarney, de acordo com Ricupero, será mostrar este caráter político da questão



SARNEY NA ONU

do endividamento latino-americano, exigindo que o assunto passe a ser discutido não só com os banqueiros e o Fundo Monetário mas, também, com os governos dos países industrializados, em especial dos Estados Unidos. Reafirmando que o problema brasileiro é também o problema latino-americano neste aspecto, Sarney dirá na ONU que a recessão que pode decorrer dos encargos da dívida externa e dos programas de ajustamento do FMI "ameaça a democracia, por gerar crescentes problemas sociais, como a fome e desemprego, que por se constituir em fatores de desestabilização política" — de acordo com o assessor da Presidência.

DISCUSSÃO

Na conversa com os deputados e senadores da comitiva brasileira, o Presidente da República reafirmou sua intenção de "sair da retórica para passar à ação" na questão do endividamento externo, explicando que vai conchamar os governos dos países industrializados a aceitarem uma discussão mais ampla do endividamento latino-americano, inclusive a partir do diálogo que se pode estabelecer com o Grupo de Cartagena e, também, de maneira informal, durante a próxima assembleia conjunta do FMI/Banco Mundial na Coreia do Sul, no início do próximo mês.

De acordo com os parlamentares, nesta área o Presidente não só adiantou a linha final do texto que lerá na ONU nesta segunda-feira como, também, reafirmou o que considera os bons resultados prelimina-

res dos encontros na Venezuela e no México, por mais breves que tenham sido. José Sarney insistiu que o Brasil não tem intenção de impor sua posição aos credores, mas também não quer saber de posições fechadas por parte, por exemplo, do Fundo Monetário Internacional. O assunto já havia sido tratado com de La Madrid no México, onde o Presidente brasileiro disse — segundo Ricupero — que as questões do endividamento externo e das barreiras protecionistas às exportações latino-americanas têm que ser "discutidas abertamente", ao contrário do que vinha ocorrendo até recentemente, quando o governo americano tinha posição fechada sobre o que considerava a "inconveniência de se politizar a dívida externa".

PROGRAMAÇÃO

O mesmo assunto será discutido entre José Sarney e o presidente do Peru, Allan García, em encontro bilateral que começou a ser acertado ontem em Nova Iorque. O Presidente deverá se encontrar também com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez, da Espanha, na próxima quarta-feira, antes de encerrar sua programação em Nova Iorque. O dia de hoje do presidente Sarney começará às 7h30min com um **breakfast** com 14 editores de jornais, revistas e agências internacionais de notícias. Em seguida se encaminhará à sede da ONU, onde cumprimenta o secretário-geral Javier Perez de Cuellar, em seu gabinete, e assina a convenção internacional contra a tortura e outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes. As 10 horas encontra-se com o presidente da Assembleia Geral da ONU, o espanhol Jaime Pinies, e meia hora depois dá início aos trabalhos, fazendo o seu pronunciamento da tribuna. Depois cumprimentará as delegações e às 12h15min concederá entrevista coletiva. A tarde voltará à ONU para a sessão solene do grupo latino-americano e à noite será homenageado com uma recepção na residência do representante permanente do Brasil na ONU.